



A LINGUAGEM E A LONGEVIDADE – IMPOSSIBILIDADES, RESSIGNIFICAÇÃO E SILÊNCIO

Simone Maximo Pelis

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: Simone.maximo@gmail.com

Nirvana Ferraz Santos Sampaio

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil
Endereço eletrônico: nirvanafs@terra.com.br

INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta verificar a ocorrência de ressignificação da linguagem verbal pela linguagem não-verbal; averiguando o silêncio como parte de um sistema alternativo de significação para idosos institucionalizados, abordando, dessa forma, o silêncio enquanto espaço que possibilita à linguagem significar (TFOUNI, 2013 p. 40). O corpus é composto por registros selecionados e apreendidos por gravações de áudio e vídeo da linguagem de idosos institucionalizados na ILPI - Instituição de Longa Permanência para Idosos - Abrigo Nosso Lar, em Vitória da Conquista. A análise aqui proposta se apoiará nas bases teóricas da Neurolinguística Discursiva (ND) que considera o discurso a partir do materialismo histórico e ideológico decorrente do modo de organização dos modos de produção social (MUSSALIN, 2003, p 122). A partir da perspectiva da ND a interlocução e seus atravessamentos são considerados (história do sujeito, condição de produção, circunstâncias histórico-culturais) (COUDRY, 2011 p.23). A seguir será apresentada a justificativa deste estudo, e logo após a apresentação da metodologia. Os resultados, as discussões e as considerações finais apresentam e discutem os processos de ressignificação possibilitadas pelo silêncio.

O indivíduo nasce em processo de envelhecimento, porém é após os 50 anos que esse processo natural, proveniente de mudanças biológicas, psicológicas e sociais, revela declínios que podem comprometer o estilo de vida do indivíduo longo. Em fluxo natural (senescência) ou patológico (senilidade) o envelhecimento é inevitável. Quanto mais a expectativa de vida se estende, mais reflexões são necessárias a respeito da complexidade entorno dessa etapa da vida. Idosos com 70, 80, 90 anos são mais



comuns hoje do que a 30 anos atrás quando a expectativa de vida chegava a 64 anos (IBGE). Bem mais saudáveis, porém com a funcionalidade na maior parte das vezes comprometida por déficit da acuidade visual e auditiva, pela lentidão da marcha e pela redução das funções cognitivas como memória e atenção, os idosos apresentam independência limitada; pela insensibilidade social tem sua autonomia sequestrada. Como resultado de abandono social e familiar, de impossibilidades de cuidado pela família, de falta de condição financeira de manutenção de um cuidador, pelo descaso do Estado, a institucionalização do idoso ocorre baseada em argumentos sociais e assistencialistas que destituem por vez o poder e a autonomia daquele que por muito tempo prestou seu papel à sociedade. O idoso que hoje está institucionalizado e socialmente silenciado. As perdas e mudanças emocionais, psicológicas, ambientais, cognitivas, socioeconômicas inevitavelmente interferem na crença que o indivíduo longo tem de si mesmo, em sua identidade, em sua consciência individual. Segundo Bakhtin, a consciência individual é um fato sócio-ideológico (BAKHTIN, 1929 [2012], p.35) que se funda na necessidade de comunicação realizada por manifestações verbais ou não verbais (semiológicas) (SAUSSURE 1916 [2012], p. 117-118). O silêncio é uma manifestação da linguagem não verbal (ORLANDI, 1999 [2009], p. 83).

Apoiamos esta pesquisa no conceito de silêncio, cuja condição de significação, para além da função de completude da linguagem, tem em si condição própria de condição de sentido (ORLANDI, 1992 [2007] p. 68). O que significa dizer que o silêncio não é vazio, não se trata de ausência de palavras, mas sim de uma relação estabelecida entre o sujeito e a matéria significante que se constitui parte de um discurso – o silêncio fundador. Segundo Orlandi (1992, 2007), a impossibilidade de não significar atribui ao silêncio um sentido inato, em movimento contínuo, como excluído, o silêncio “fornece as condições para o possível” (TFOUNI, 2013, P. 47). Enquanto o silêncio caracteriza uma matéria significante e um horizonte cheio de sentidos para o indivíduo, o silenciamento é contextualizado na relação do dito e do não dito a partir de um conceito sócio-histórico. Logo, o silenciamento munido de intencionalidade irá instituir as formações discursivas.

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa de caráter qualitativo e transversal. Os sujeitos escolhidos



para este estudo são idosos acolhidos na ILPI Abrigo Nosso Lar. A captação de áudio e vídeo ocorreu após consentimento por Termo de Livre Consentimento Esclarecido, da pesquisa aprovada pelo comitê de ética (cep: 3.050.076), em espaço apropriado dentro da própria instituição, a partir de entrevista semiestruturada. Para a transcrição de dados, recorremos ao programa de transcrição Elan 5.4. Na identificação e análise dos dados, utilizamos o conceito do “dado-achado” que é baseado no dinamismo mediado pela “interação dialógica entre pesquisador e sujeito” (COUDRY, 2011, P. 17).

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A seguir será fomentada discussão baseada em dados selecionados de sessões com dois sujeitos institucionalizados. Por questões éticas, salvaguardando a identidade dos informantes, usaremos os codinomes de InfI e InfNa. O primeiro sujeito está institucionalizado há 20 anos e o outro sujeito está institucionalizado há três meses.

O Sujeito InfI, tem 79 anos, casou-se com 16 anos, e tem um filho que mora com a neta (do sujeito). Alguns enunciados deste sujeito denunciam o sentimento de perda e despertencimento. InfI relata que “teve suas coisas tudo”, referindo-se a objetos pessoais e a casa que já teve e que não as possui mais (ao entrar na instituição o número de objetos pessoais e roupas são limitados por questões de espaço). Há três meses nessa ILPI (já havia sido abrigada anteriormente em outra instituição) diz que “agora só tenho essa bolsinha aí” apontando para a sacola cheia de roupa, de prontidão para “sair”. Na véspera dessa sessão, InfI havia tentado fugir da instituição. Propusemos uma atividade de média complexidade (um tênis em EVA que teria que passar o cadarço) para condição de produção da entrevista. A atividade teve duração de 20 min, entremeadas pela entrevista. O objetivo da sessão era identificar, pela linguagem não-verbal, pelo excluído, as condições para o possível (o dizer o não-dito).

Quadro 1: Inadaptação, estranheza, saudade

Interlocutor	turno	Enunciados	Observações de condição de produção	Observação não verbal
PSMP	1	E os amigos?		
InfI	2	.. Pra mim é pirraça... Ficam me pirraçando... Sei lá.... Oh meu Deus.. Vou contar mais nada não... Pra não virar.... Não posso ficar falando. LONGA PAUSA (8”)	Tom baixo	Vira o rosto para o lado contrário em que o pesquisador está
InfI		[]Saudade de ir embora, ver meu povo	Quase inaudível	
PSMP	3	Quem é seu povo?		



Inf1	4	Meus filhos, meus netos	Tom forte	
------	---	-------------------------	-----------	--

Fonte: Banco de dados das autoras

No turno conversacional 2, o dado encontrado neste enunciado tem inferências impregnadas no silêncio: “Ele causa efeito no outro, que vê a linguagem significar, saindo vazio e instaurando algo a ser dito” (ORLANDI, 2013 p. 19). A pausa vem acompanhada de expressões faciais e de uma carga de memória que denota a insatisfação representada pelas frases e seus interditos. Porém é no silêncio fundador (aquele que permite a possibilidade do significar), de uma longa pausa que o sujeito consegue expressar de forma quase inaudível: “saudade de ir embora, de ver meu povo”. Elaborando a dor do despertencimento, da ausência, do esquecimento. O filho não comparecia à instituição há 17 dias.

O Sujeito InfNa mora na instituição há 20 anos. Não tem filhos, seus pais já haviam falecido quando seu “pé ficou enfermo” e no hospital de base a patroa a encaminhou para o então Albergue Nosso Lar¹. Sempre autônoma e independente, precisou ficar temporariamente em cadeiras de rodas o que lhe trouxe limitações e sofrimento. Vejamos no quadro a seguir:

Quadro 2: Incapacidade, medo e dor

Interlocutor	turno	Enunciados	Observações condição de produção	Observação não verbal
PSMP	5	Quanto tempo você ficou na cadeira?		
InfNa	6ffsfu (inaudível)	Tom muito baixo	Rosto voltado para a mesa
InfNa	7	A experiência não foi boa.. foi ... não foi não.... não foi não foi.... era.... foi... eu pedia a Deus pra mim caminhar...	Muitas pausas	Negativa com o rosto
InfNa	8	O assento dói, as costas dói, a cadeira cansa, [...] eu já fiquei na cadeira, eles cansa, a costa dói, vc não guenta, eles não guenta.. Já fiquei na cadeira eu sei. No hospital de base pedi eu mereço... pois já tava começando na outra perna... a Deus cura essa enfermidade Jesus [...] Pra não ter de ficar em cadeira..	Muitas pausas	Semblante sério
InfNa	9	Uuuuuui, é.... ai...	Tom forte	

¹ A instituição fundada em 1954 recebia pessoas de diferentes idades e condições, era considerado um albergue (acomodação, hospedagem). Em 1983, ao ser definida como instituição de assistência exclusivamente à idosos, eles podiam sair durante o dia para trabalhar e voltar para o Albergue para dormir. Aos poucos a instituição se adequou as normativas vigentes se tornando uma instituição de longa permanência para idosos.



Fonte: banco de dados das autoras

Nos turnos conversacionais 7 e 8 é possível perceber a dificuldade de falar da dor, do medo da incapacidade, da limitação. O interdito é alternado com o silêncio. É necessário silenciar alguns sentidos para que outros possam ser instaurados [...] a existência de um não-dito é fundamento para a abertura do campo do dizer (TFOUNI, 2017, p. 49). O dizer é corroborado pelo semiótico. As expressões corpóreas confirmam o dito ao significar o não-dizer (silêncio).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recorte de dados apresentados demonstra como o silêncio atua nos limites das formações discursivas, determinando o limite do dizer (ORLANDI 1992, [2007], p. 74). Possibilita a contemplação na prática do conceito apresentado por Eni Orlandi. Porém para a comprovação do perfil científico dessa abordagem faz-se necessária apresentação de outros dados-achados que evidenciem a relação impossibilidade-silêncio-ressignificação. Esse estudo intenta trazer novos dados manifestos que corroborem com a hipótese proposta de ocorrências de resignificação da linguagem verbal pela linguagem não-verbal; em que o silêncio integra um sistema alternativo de possível significação para idosos institucionalizados, em que o silêncio possibilita à linguagem significar (TFOUNI, 2013 p. 40).

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem; Longevidade; Impossibilidades; Ressignificação e silêncio.

REFERÊNCIA

BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 13ª edição. São Paulo. Hucitec. 1929. Edição consultada: 2012.

COUDRY, Maria Irma Hadler. *Caminhos da Neurolinguística Discursiva – teorização e práticas com Linguagem*. Campinas, SP. Mercado de letras. 2011.

ORLANDI, Eni. *Análise de Discurso: Princípios e Procedimentos*. 8ª ed. Campinas. Pontes. 1999. Edição consultada: 2009.

_____. *As Formas de Silêncio: no movimento dos sentidos*; 6ª ed. SP, Editora Unicamp. 1992. Edição consultada: 2007



UESB
UNIVERSIDADE ESTADUAL
DO SUDOESTE DA BAHIA



**XIII Colóquio Nacional
VI Colóquio Internacional
DO MUSEU PEDAGÓGICO - UESB**
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**15 a 18
outubro
2019**

MUSSALIN, Fernanda; BENTES, Anna Christina. Introdução à Linguística 2 – Domínios e Fronteiras. São Paulo. Editora Cortez. 2003.

TFOUNI, Fábio Elias Verdiani. Interdito e Silêncio: Análise de Alguns Enunciados. Revista Ágora. Rio de Janeiro. V. XVI n.1 Jan/Jun/ 2013 – p.39-56.

SAUSSURE, Ferdinand. Curso de linguística Geral. 28ª ed. Editora Cultrix. SP. São Paulo. 1916. Edição consultada: 2012.



DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO